

IAN BURUMA

Ano Zero

Uma história de 1945

Tradução
Paulo Geiger



Copyright © 2013 by Ian Buruma
Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
Year Zero: A History of 1945

Capa
Claudia Espínola de Carvalho

Foto de capa
Universal Images Group/ Getty Images

Preparação
Alexandre Boide

Índice remissivo
Luciano Marchiori

Revisão
Jane Pessoa
Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Buruma, Ian
Ano Zero : Uma história de 1945 / Ian Buruma ; tradução Paulo
Geiger. — 1^ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2015.

Título original: Year Zero : A History of 1945
ISBN 978-85-359-2541-8
1. Guerra Mundial, 1939-1945 - Influências 2. Guerra Mundial,
1939-1945 - Paz 3. História moderna - 1945-1989 i. Título.

14-13320 CDD-940.5309
Índice para catálogo sistemático:
1. Guerra Mundial, 1939-1945 : História 940.5309

[2015]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORASCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Prólogo	11
---------------	----

PARTE I: COMPLEXO DE LIBERTAÇÃO

1. Regozijo	27
2. Fome	78
3. Vingança	105

PARTE II: REMOVENDO O ENTULHO

4. A caminho de casa	175
5. Drenando o veneno	223
6. O império da lei	265

PARTE III: NUNCA MAIS

7. Um luminoso e confiante alvorecer	311
8. Civilizando os brutos	353
9. Um mundo só	393

Epílogo	427
<i>Agradecimentos</i>	431
Notas	433
<i>Créditos das imagens</i>	451
<i>Índice remissivo</i>	453

PARTE I
COMPLEXO DE LIBERTAÇÃO

1. Regozijo

Quando as tropas aliadas libertaram na Alemanha os milhões de prisioneiros do derrotado Reich de Hitler — em campos de concentração, campos de trabalhos forçados, campos de prisioneiros de guerra —, esperavam encontrá-los dóceis, devidamente agradecidos e felizes em colaborar como pudessesem com seus libertadores. Em alguns casos, sem dúvida, foi isso que aconteceu. Muitas vezes, no entanto, eles deparam com o que se tornou conhecido como “complexo de libertação”. Nas palavras um tanto burocráticas de uma testemunha ocular: “Isso envolvia um sentimento de vingança, fome e regozijo, características que, combinadas, faziam dos refugiados, quando recém-libertados, um problema em termos de comportamento e conduta, assim como de cuidados, alimentação, desinfecção e repatriação”.¹

O complexo de libertação não se limitava aos internos nos campos de refugiados; a expressão poderia ser empregada para descrever países inteiros, e até mesmo, em certos aspectos, as nações derrotadas na guerra.

Nasci muito tempo depois, num país demasiadamente próspero, para perceber os efeitos da fome. Mas havia ainda, embora débeis, ecos do sentimento de vingança e de regozijo. A vingança contra pessoas que tinham colaborado com o inimigo ou, pior, dormido com ele, continuava a ser exercida de maneira silenciosa, quase sub-reptícia, na maioria das vezes num nível muito baixo. Não se compravam mantimentos em determinados estabelecimentos, ou cigarros em outro, pois “todos” sabiam que seus donos tinham “procedido mal” durante a guerra.

O regozijo, por outro lado, foi institucionalizado na Holanda, transformado num ritual anual: o dia 5 de maio, Dia da Libertação.

Pelo que me lembro de minha infância, o sol sempre brilhava em 5 de maio, com os sinos das igrejas a repicar, e bandeiras com vermelho, azul e branco drapejando na leve brisa primaveril. O dia 5 de dezembro, festa de São Nicolau, talvez constitua um evento familiar maior, mas o Dia da Libertação é o grande espetáculo da alegria patriótica, ou ao menos era quando eu era criança, nas décadas de 1950 e 1960. Como os holandeses não se libertaram sozinhos em 5 de maio de 1945, e sim foram libertados da ocupação alemã por tropas canadenses, britânicas, americanas e polonesas, a explosão anual de orgulho patriótico é um tanto estranha. Mas, uma vez que os holandeses, assim como os americanos e os britânicos, gostam de acreditar que sua identidade nacional se define pela liberdade, faz sentido que a derrota alemã se confunda na consciência nacional com a memória coletiva de terem derrotado a Coroa espanhola na Guerra dos Oitenta Anos, durante os séculos XVI e XVII.

Lágrimas de emoção afloram facilmente nos olhos de alguém de minha geração, nascido apenas seis anos após a guerra, quando depara com imagens de escoceses tocando suas gaitas de fole enquanto enfrentam o fogo de metralhadoras numa praia da Normandia, ou de cidadãos franceses cantando a Marselhesa,

imagens que não vêm, claro, de nossas próprias memórias, e sim de filmes de Hollywood. Mas presenciei um pouco desse antigo regozijo, exatamente cinquenta anos após 5 de maio de 1945, quando, para comemorar a data, foi reencenada a entrada de soldados do Exército canadense em Amsterdam. O fato de as tropas aliadas na verdade só terem chegado a Amsterdam em 8 de maio não tem mais tanta importância. A ocasião original deve ter sido extraordinária. No relato de um correspondente de guerra britânico que estava lá: “Fomos beijados, aclamados, abraçados, amassados, gritavam e berravam para nós até ficarmos machucados e exaustos. Os holandeses saquearam seus jardins, e a chuva de flores que caiu sobre os veículos aliados não teve fim”.²

Cinquenta anos depois, canadenses idosos com medalhas espetadas em suas fardas de combate apertadas e desbotadas entraram mais uma vez na cidade em seus velhos jipes e carros blindados, saudando as multidões com lágrimas nos olhos, lembrando os dias em que eram reis, sobre os quais seus netos já estavam cansados de ouvir, dias de regozijo antes que os heróis de guerra se estabelecessem em Calgary ou Winnipeg para se tornarem dentistas ou contadores.

O que me impactou mais do que aqueles senhores revivendo seus melhores dias foi o comportamento de holandesas idosas, vestidas como as respeitáveis matronas que sem dúvida elas eram. Essas mulheres estavam num estado de exaltação, uma espécie de êxtase adolescente, gritando como garotas num show de rock, estendendo os braços para os homens em seus jipes, tentando tocar suas fardas. “Obrigada! Obrigada! Obrigada!” Não conseguiam se conter. Para elas, também, era momento de reviver suas horas de regozijo. Foi uma das cenas eróticas mais esquisitas que já presenciei.

Com efeito, como citado, os canadenses não chegaram a Amsterdam em 5 de maio, nem a guerra estava oficialmente terminada nessa data. É verdade que, em 4 de maio, o grande almirante Hans-Georg von Friedeburg e o general Eberhard Hans Kinzel tinham vindo à tenda do marechal de campo Bernard Montgomery (“Monty”), na charneca de Lüneburg, para assinar a rendição das forças alemãs no noroeste da Alemanha, na Holanda e na Dinamarca. Um jovem oficial do Exército britânico chamado Brian Urquhart viu passar os alemães em suas Mercedes-Benz por uma estrada rural em direção ao quartel-general de Monty. Não muito tempo antes disso, ele tinha sido um dos primeiros oficiais aliados a entrar num campo de concentração próximo dali, o de Bergen-Belsen, onde a maioria dos prisioneiros libertados “parecia não ser capaz de emitir uma fala articulada, mesmo que supostamente encontrássemos uma linguagem comum”. O que ele à distância pensou serem achas de lenha eram na verdade pilhas de cadáveres, “até onde a vista alcançasse”.³ Quando o almirante Von Friedeburg, ainda vestindo um esplêndido casaco de couro, foi confrontado alguns dias depois com um relato americano das atrocidades cometidas pela Alemanha, tomou isso como um insulto a seu país e ficou enfurecido.

Em 6 de maio, houve outra cerimônia numa fazenda semi-destruída perto de Wageningen, onde o general Johannes Blaskowitz rendeu suas tropas ao general de divisão canadense Charles Foulkes. Pouco tinha sobrado de Arnhem depois de ter sido arrasada por um bombardeio em setembro de 1944, quando tropas britânicas, americanas e polonesas tentavam abrir caminho através da Holanda, num desastre militar conhecido como Operação Market Garden. Uma das pessoas que previram que o desastre se aproximava foi Brian Urquhart, então oficial da inteligência a serviço de um dos principais planejadores da operação, o general F. A. M. “Boy” Browning, um homem arrojado e com muito san-

gue nas mãos. Quando Urquhart mostrou a seu comandante a evidência fotográfica de que brigadas de tanques alemãs estavam esperando nos arredores de Arnhem para repelir os Aliados, recebeu ordens para tirar uma licença médica. Ninguém, e certamente não um oficial de inteligência de baixo escalão, teria permissão para estragar a festa de Monty.*

Mas a guerra ainda não tinha acabado, nem mesmo na Holanda. Em 7 de maio, multidões reuniram-se na praça Dam, no centro de Amsterdam, em frente ao Palácio Real, celebrando, dançando, cantando, agitando a bandeira laranja da família real holandesa, antecipando-se à chegada das vitoriosas tropas britânicas e canadenses, que era iminente. Observando a feliz aglomeração de uma janela de um clube para cavalheiros na praça, oficiais navais alemães decidiram num impulso de último momento atirar na multidão com uma metralhadora montada no telhado. Vinte e duas pessoas morreram e mais de cem foram gravemente feridas.

Essa tampouco foi a última ação violenta da guerra. Em 13 de maio, mais de uma semana após o Dia da Libertação, dois homens foram executados. Eram alemães antinazistas que tinham desertado do Exército alemão e se escondido entre os holandeses. Um tinha mãe judia. Eles saíram de seus esconderijos em 5 de maio e se entregaram a membros da resistência holandesa, que os entregaram aos canadenses. Foram então vítimas de uma trapa-lhada típica de tempos de guerra. Quando Montgomery aceitou a rendição alemã, em 4 de maio, não havia na Holanda tropas aliadas suficientes para desarmar os nazistas ou alimentar os prisioneiros de guerra. Por ora, permitiu-se que os oficiais alemães con-

* De fato, em seus estágios de planejamento, a operação foi comumente referida como “a festa”. Um dos mais famosos oficiais na batalha de Arnhem, o coronel John Frost, tinha até pensado em mandar trazer seus tacos de golfe para a Holanda.

tinuassem a comandar seus homens. Os dois infelizes desertores alemães foram alocados entre outros compatriotas numa fábrica da Ford desativada nos arredores de Amsterdam. Uma corte militar foi improvisada às pressas por oficiais desejosos de exercer sua autoridade pela última vez, e os homens foram condenados à morte. Os alemães pediram aos canadenses as armas para executar os “traidores”. Os canadenses, sem saber de fato quais eram as regras e sem querer comprometer aquela acomodação temporária, aceitaram. Os homens foram prontamente executados. Ao que tudo indica, outros tiveram a mesma sina, até que os canadenses, um tanto tarde demais, pucesssem fim a essas práticas.⁴

A data oficial do fim da guerra na Europa, o v-E Day, ou Dia da Vitória na Europa, é na verdade 8 de maio. Não obstante a rendição incondicional de todas as tropas alemãs ter sido assinada numa escola em Rheims na noite de 6 de maio, as comemorações ainda não podiam começar. Stálin estava furioso com o fato de o general Eisenhower ter presumido que podia aceitar a rendição da frente oriental junto com a da frente ocidental, pois esse privilégio deveria caber aos soviéticos, e em Berlim. Stálin quis adiar o Dia da Vitória para 9 de maio. Isso, por sua vez, deixou Churchill aborrecido.

Em toda a Grã-Bretanha as pessoas já se ocupavam em assar pão para os sanduíches da comemoração; bandeiras e estandartes tinham sido preparados; os sinos das igrejas esperavam para ser repicados. Em meio à confusão geral, foram os alemães que primeiro anunciaram o fim da guerra numa transmissão radiofônica a partir de Flensburg, onde o almirante Dönitz ainda comandava oficialmente o que restava do esfarrapado Reich alemão. O informe foi captado pela BBC. Edições especiais dos jornais franceses, britânicos e americanos logo chegaram às ruas. Em Londres, grandes multidões se reuniram no entorno de Piccadilly Circus e Trafalgar Square, esperando que Churchill anunciasse a

vitória para que a maior festa da história pudesse finalmente começar. Em Nova York, tinha início uma chuva de papel picado. Mas ainda não havia o anúncio oficial dos governantes aliados de que a guerra com a Alemanha tinha terminado.

Pouco antes da meia-noite de 8 de maio, no quartel-general soviético em Karlshorst, perto do antigo campo de trabalhos forçados de meu pai, o marechal Georgi Zhukov, o brutal gênio militar, por fim aceitou a rendição alemã. Uma vez mais, o almirante Von Friedeburg pôs sua assinatura na derrota alemã. O marechal de campo Wilhelm Keitel, sem exprimir emoção nenhuma no rosto, um rígido soldado prussiano da cabeça aos pés, disse aos russos que estava horrorizado com a extensão da destruição imposta à capital alemã. Ao que um oficial russo perguntou a Keitel se havia ficado igualmente horrorizado quando, por suas ordens, milhares de aldeias e cidades soviéticas tinham sido arrasadas, e milhares de pessoas, inclusive muitas crianças, ficaram soterradas sob as ruínas. Keitel deu de ombros e não disse nada.⁵

Zhukov pediu então aos alemães que se retirassem, e os russos, juntamente com seus Aliados americanos, britânicos e franceses, comemoraram em grande estilo, com olhos marejados e enormes quantidades de vinho, conhaque e vodca. No dia seguinte, realizou-se um banquete na mesma sala, quando Zhukov num brinde saudou Eisenhower como um dos maiores generais de todos os tempos. Os brindes continuaram, e os generais russos, inclusive Zhukov, dançaram até que poucos restassem de pé.

Em 8 de maio, as multidões já estavam alucinadas em Nova York. As ruas em Londres também estavam lotadas, mas um silêncio peculiar ainda reinava nas multidões londrinhas, como se estivessem esperando ouvir a voz de Churchill para dar início às comemorações. Churchill, que tinha decidido ignorar o desejo de Stálin de adiar o Dia da Vitória para o dia 9, ia fazer um pronun-

ciamento às três horas da tarde. O presidente Truman já tinha feito o seu mais cedo. O general Charles de Gaulle, recusando-se a perder os holofotes para Churchill, insistira em fazer seu anúncio aos franceses exatamente no mesmo momento.

A fala de Churchill na BBC foi ouvida pelo rádio no mundo inteiro. Já não havia espaço nem para se mexer na Parliament Square, junto a Westminster, onde tinham sido instalados os alto-falantes. Pessoas espremiam-se de encontro às grades do Palácio de Buckingham. Os carros não conseguiam passar pelas multidões no West End. O Big Ben soou três vezes. A multidão calou-se, e finalmente a voz de Churchill irrompeu nos alto-falantes: “A guerra com a Alemanha chega pois ao fim [...] quase o mundo inteiro se uniu contra os agentes do mal, que agora estão prostrados diante de nós [...]. Temos agora de dedicar toda a nossa força e nossos recursos para completar nossa tarefa, tanto em casa quanto no exterior...”. Aqui sua voz ficou embargada: “Avante Britânia! Longa vida à causa da liberdade! Deus salve o rei”. Pouco depois ele fez o sinal do V da vitória na sacada do Ministério da Saúde. “Deus os abençoe a todos. Esta vitória é de vocês!” E a multidão gritou de volta: “Não, ela é sua!”.

O *Daily Herald* relatou:

Houve fantásticas cenas de tumultuadas comemorações no coração da cidade, quando multidões incontroláveis a clamaram, a dançaram e a riram cercaram ônibus, pularam no teto dos carros, arrancaram tapumes para fazer fogueiras, beijaram policiais e os arrastaram para a dança [...]. Motoristas faziam soar suas buzinas com o sinal em código Morse do V da vitória. No rio, barcaças e navios faziam o eco e o eco do eco da noite com o V da vitória em suas sirenes.

Em algum lugar da multidão estava minha mãe, então com dezoito anos, que recebera licença de seu internato para sair, e seu

irmão mais moço. Minha avó, Winifred Schlesinger, filha de imigrantes judeus alemães, tinha todos os motivos para estar feliz, e não havia limites para seu culto a Churchill. Mas estava apreensiva, temendo que seus filhos se perdessem na “multidão excitada e bêbada — especialmente entre os ianques”.

Em Nova York, 500 mil pessoas comemoravam nas ruas. O toque de recolher foi suspenso. Os clubes — como o Copacabana, o Versailles, o Quartier Latin, o Diamond Horsehoe, o El Morocco — ficaram superlotados e abertos durante metade da noite. Lionel Hampton tocava no Zanzibar, Eddie Stone no Grill do Hotel Roosevelt, e no Jack Dempsey’s ofereciam-se porções “jumbo” de comida.

Em Paris, na Place de la République, um repórter do jornal *Libération* observava uma “massa de gente em movimento, agitando bandeiras dos Aliados. Um soldado americano cambaleava sobre suas longas pernas, num estranho estado de desequilíbrio, tentando tirar fotografias, com duas garrafas de conhaque, uma vazia e outra ainda cheia, despontando dos bolsos de sua roupa cáqui”. Um piloto de bombardeiro dos Estados Unidos fez a multidão vibrar passando seu Mitchell B-25 num voo rasante pelo vão na base da torre Eiffel. No Boulevard des Italiens, “um enorme marinheiro americano e um esplêndido negro” resolveram engajar-se numa competição. Eles abravam mulheres contra seus “imensos peitorais” e contavam o número de marcas de batom que elas deixavam em suas faces. As pessoas ao redor faziam apostas nos dois rivais. No Arco do Triunfo, a maior multidão já vista por ali expressava sua gratidão ao general De Gaulle, que exibia um raro sorriso. As pessoas cantavam a plena voz a Marselhesa, e a favorita da Primeira Grande Guerra, “Madelon”:

*There is a tavern way down in Brittany
Where weary soldiers take their liberty
The keeper's daughter whose name is Madelon
Pours out the wine while they laugh and “carry on” [...]
O Madelon, you are the only one
O Madelon, for you we'll carry on
It's so long since we have seen a miss
Won't you give us just a kiss...**

Mesmo assim, o Dia da Vitória em Paris foi considerado por alguns como uma espécie de anticlímax. A França, afinal, já tinha sido libertada em 1944. Simone de Beauvoir escreveu que sua lembrança daquela noite era

muito mais nebulosa do que a das nossas antigas festas, talvez por conta da confusão dos meus sentimentos. Aquela vitória fora conseguida muito longe de nós; não a esperáramos, como a liberação, na febre e na angústia; ela estava prevista há muito tempo e não abria novas esperanças: apenas punha um ponto final na guerra; de certo modo, aquele fim se assemelhava a uma morte.⁶

Os moscovitas, por outro lado, foram para as ruas assim que o Dia da Vitória foi anunciado, nas primeiras horas da manhã do dia 9. Massas de gente, alguns ainda em suas camisolas ou pijamas, dançaram e celebraram durante o resto da madrugada, gri-

* A canção, originalmente francesa, tornou-se bastante difundida também na versão em inglês, cuja correspondência com a original não é exata. Em tradução livre do inglês: “Existe uma taberna no caminho da Bretanha/ Onde um soldado exausto não se acanha/ de rindo paquerar a garota bela/ que lhe serve o vinho; Madelon é o nome dela [...] / Ó Madelon, para mim só você existe/ Ó Madelon, com você nunca serei triste/ Há quanto tempo não sinto esse desejo/ De que você pelo menos me dê um beijo”. (N. T.)

tando “Vitória! Vitória!”. Numa carta ao historiador britânico Martin Gilbert, um dos intérpretes de Stálin, chamado Valentin Berezhkov, relatava:

O orgulho de uma vitória finalmente obtida sobre um inimigo traiçoeiro e torpe, o lamento pelos que caíram (e não sabíamos então que cerca de 30 milhões tinham sido mortos nos campos de batalha), as esperanças de uma paz duradoura e uma continuada cooperação com nossos aliados na guerra — tudo isso suscitou um sentimento especial de alívio e esperança.⁷

O *Libération* de 8 de maio provavelmente estava certo: a festa foi, acima de tudo, para os jovens.

Só os jovens sentiram-se animados. Só os jovens pularam para os jipes, como se fosse a tribuna de honra no hipódromo de Longchamp durante as corridas, atravessando a Champs-Élysées, com bandeiras envolvendo a cabeça e canções em seus lábios. E é assim que deveria ser. Para os jovens, o perigo passou.

Minha avó, na Inglaterra, ansiando pela volta do marido, que ainda servia no Exército inglês na Índia, não podia compartilhar da animação dos filhos. E seus sentimentos sem dúvida eram compartilhados por muitas pessoas que se preocupavam com seus maridos ou filhos, ou por aqueles cujas perdas tinham sido grandes demais para que pudessem se rejubilar. A reação dessa filha de imigrantes também era peculiarmente inglesa. “Eu sentia demais a sua falta para poder comemorar”, ela escreveu a meu avô, “por isso aproveitei melhor as horas de claridade fazendo um trabalho extra no jardim.”

Meu pai nem sequer consegue lembrar o dia em que a guerra terminou oficialmente. Ele guarda vagas recordações do som dos

canhões russos atirando em comemoração. O marechal Zhukov menciona isso em suas memórias: “Saímos do salão do banquete [em 9 de maio] com o acompanhamento de um canhoneio desferido por vários tipos de armas [...] havia tiros por todas as partes de Berlim e de seus subúrbios”.⁸ Mas meu pai estava habituado ao som de canhões e não notou nada de especial naquilo.

Brian Urquhart, o jovem oficial da inteligência britânica, alocado no norte da Alemanha e recém-saído do choque de testemunhar o que houvera em Belsen, tampouco poderia sentir uma alegria plena.

É difícil reconstituir o que realmente sentia no momento de tão avassaladora ocasião. Quase seis anos transcorridos do desespero à vitória, muitos amigos mortos, desperdício e destruição fantásticos [...]. Eu pensava em todos aqueles rostos anônimos nas fotografias da guerra, refugiados, prisioneiros, civis sob bombardeio, russos na neve e nos destroços de seu país, tripulações de cargueiros que afundavam — quantos deles suas famílias tornariam a ver?⁹

Mas pensamentos desse tipo não baixaram o ânimo dos que festejavam em Nova York, Paris e Londres. Era um festival da juventude, mas também da luz. Em sentido bem literal. “As luzes da cidade foram acesas!”, afirmava a manchete do *New York Herald Tribune* em 9 de maio. “O céu noturno de Londres brilhou novamente”, dizia o *Daily Herald* de Londres em 8 de maio. Em Paris, as luzes do Opéra foram acesas pela primeira vez desde setembro de 1939, em vermelho, branco e azul. Uma após a outra, as luzes voltaram a iluminar o Arco do Triunfo, a Madeleine e a Place de la Concorde. E o *Herald Tribune* retratava com orgulho as “grandes bandeiras sob os holofotes, a americana com suas estrelas e faixas, a Union Jack britânica e a tricolor francesa”, que tremulavam na fachada de seu prédio, na Rue de Berri.

A cidade de Nova York vinha ficando cada vez mais escura desde o *dimout* [escurecimento parcial] em abril de 1942 e depois o *brownout* [blecaute parcial] a partir de outubro de 1943. Apenas a tocha da Estátua da Liberdade permanecera acesa, mas não com a luminosidade total. Mas às oito da noite de 8 de maio, segundo o *New York Daily News*, “todas as joias na coroa da Broadway estavam em seu brilho máximo, e as grandes e compactas massas humanas pareciam nadar na luz, e seus ânimos eram aquecidos por ela”.

A Coluna de Nelson, na Trafalgar Square de Londres, foi capturada por um holofote. St. Paul's, a catedral de São Paulo, que permanecia de pé quase sozinha em meio ao distrito financeiro bombardeado, estava banhada pela luz de projetores. As fachadas dos cinemas iluminavam Leicester Square com cores vívidas. E havia ainda o suave brilho avermelhado de dezenas de milhares de fogueiras acesas por toda Londres e além, preenchendo toda a distância até a Escócia.

A sensação de que as luzes podiam ser acesas outra vez, agora que não havia mais o temor das bombas e das *doodlebugs* (as bombas voadoras alemãs), não produzia apenas alívio. Havia algo simbolicamente tocante no retorno da luz. Lendo esses relatos, lembrei-me de uma história que certa vez me contou uma acadêmica russa em Moscou. A literatura francesa era seu tema e sua paixão. Sonhara a vida inteira em ver a França e outras partes da Europa Ocidental, lugares que só conhecia dos livros. Finalmente, em 1990, depois da queda do Muro de Berlim, seu sonho realizou-se; permitiram-lhe viajar de trem para Paris. Eu lhe perguntei o que a deixara mais impressionada. Disse que foi o momento em que, durante a noite, o trem passou da Berlim Oriental para a Ocidental, e de repente havia luzes.